



Lucas Mendes e a pequena Maria Cecília

tão de pontuar que ser pai não é como aparece nas redes sociais, como se fosse tudo lindo. Na realidade, é difícil e cansativo. “As fraldas não serão trocadas sozinhas de madrugada. E, pensando em ser mais presente e não sobrecarregar a mãe, não custa nada acordar um pouco mais cedo, lavar as louças ou as roupas, organizar os brinquedos... Isso faz diferença”, acredita.

Ele próprio se cuida muito mais agora. Sente que, se ficar doente, pode prejudicar a vida dos filhos. “Se não, quem vai cuidar deles?”, questiona. Se antes adorava aventuras, como pular de paraquedas, hoje, recusa-se a fazer qualquer atividade em que possa correr algum perigo.

O resultado do balanço que Guilherme faz é satisfatório. Ao chegar do trabalho, o tempo é totalmente dedicado aos pequenos. E elencar prioridades dentro de casa é essencial para o bem-estar da família. Antes, o casal tinha a preocupação de tentar manter a casa limpa e organizada a todo tempo e acabavam ficando estressados com todas as tarefas. Para que isso não influenciasse os filhos, optaram, então, pelo tempo de qualidade com eles, mais que deixar tudo em ordem — parte que está entre as mais cansativas da paternidade, na opinião de Guilherme.

Quando o assunto é a relação com o pai

na infância e adolescência, Guilherme lembra de ele ser presente. Confessa que sentiu falta, entretanto, de mais orientações e conselhos no que tange aos estudos — “como sentar comigo e perguntar sobre o que eu estava precisando”, detalha. Mas há ensinamentos marcantes que pretende repassar aos filhos. “Quem rouba, mente”, o pai dizia-lhe, e Guilherme, hoje, ensina o mesmo aos pequenos.

O futuro guarda algumas inquietações — coisa de pai, sabe? Ele compara que, na própria infância, brincou bastante com os amigos na rua, com maior liberdade do que as crianças têm hoje. “Será que meus filhos poderão viver isso também? Será que ficarei em paz com eles ‘soltos’ assim na rua, como eu ficava?”, preocupa-se.

Para os pais de primeira viagem, deixa o recado: “Quando nasce um filho, nasce também um pai”. Apesar das necessidades de estudar muito sobre o assunto anteriormente, muita coisa se aprende na prática. “Tudo passa muito rápido. Tente ser o melhor pai possível, pois essas lembranças estarão no subconsciente da criança e a afetarão de forma direta. É um grito que deixamos de dar, um sorriso que aparece em nosso rosto mesmo com o cansaço... Tudo, para a criança, tem grande significado”.

SE VOCÊ ESTÁ PERDIDO E ASSUSTADO, ESTÁ NO CAMINHO CERTO

É impossível falar em paternidade sem considerar as relações (e desigualdades) de gênero. Conforme explica a socióloga e pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) Ana Liési Thurler, esse papel, que não é uma vivência única nem homogênea, é transpassado por masculinidades tóxicas, responsáveis por reproduzirem padrões patriarcais — pai rígido, que não brinca nem expressa emoções. Pais mais jovens, da geração millennial, já tendem a questionar esses modelos e buscar construir diálogos com os filhos, em uma relação mais horizontal. “Novas masculinidades constroem novas paternidades”, resume.

Em concordância, a educadora parental Talita Costa lembra que para construirmos esse imaginário de paternidade ativa e cuidadosa será preciso um ativismo muito forte da parte dos homens, “o que significa bater de frente, por exemplo, com a desigualdade de gênero”, explica. Assim, é preciso lidar, inicialmente, com a própria masculinidade, mostrando-se disponível a se vulnerabilizar, visto que essa mobilização começa no se conhecer e se desconstruir, no se permitir sentir, estar presente e zelar pelo filho.

Não é fácil. No entanto, se os homens se propõem a isso, o discurso vai mudando e, conseqüentemente, chegando a outros pais, naturalizando-se. Mas não vale ficar só nos estudos, é necessário ação. Para os que vão encarar essa experiência pela primeira vez e estão com medo, Talita deixa o recado: “Se você está perdido e assustado, você está no caminho certo. Afinal, mães também se sentem assim, apesar de a sociedade não reconhecer, e seguem tentando dar o melhor. Estar perdido e assustado é o primeiro indicador de que você é pai”.

Então, nada de sentir-se dispensado dessa função por conta das preocupações; a construção de afeto ocorre no dia a dia, inclusive nas dificuldades. “Lute pelo seu direito de passar perrengue como pai. Vá atrás”, completa. Ademais, é fundamental estudar sobre as demandas de uma criança, sobre desenvolvimento, rotina de sono e introdução alimentar. Pesquise sobre creches, vacinas, bons pediatras; busque informações e saiba ao máximo para conduzir a situação da melhor forma.

Por último, é importante buscar terapia para compreender como esse discurso hegemônico de paternidade lhe impacta, como a figura do seu pai te impactou e como você deseja ser enquanto pai — além do que será desconstruído desse seu querer. Permitir-se chorar e compartilhar vulnerabilidades pode ser fundamental no momento de entrega, a fim de aceitar errar, conduzir novamente, ser amoroso e afetuoso, mesmo com as dificuldades.